

Reflexões sobre linguagem e tradução em contextos de *scanlation* e *fanfic*

Jacqueline Leire Roepke

Mestre em Educação (2018) pela FURB - Universidade Regional de Blumenau.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0906-7001>.

E-mail: jacleire@gmail.com

Caique Fernando da Silva Fistarol

Mestre em Educação (2018) pela FURB – Universidade Regional de Blumenau.

Coordenador Curricular de Língua Inglesa e da Educação Bilíngue pela SEMED

– Secretaria Municipal de Educação de Blumenau.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7650-7324>

E-mail: caiquefistarol@ensinablumenau.sc.gov.br

Isabela Vieira Barbosa

Doutoranda em Educação FURB - Universidade Regional de Blumenau. Mestre em Educação (2017) FURB - Universidade Regional de Blumenau.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1939-572X>

E-mail: miss.vieira@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre linguagem e tradução em contextos de *scanlation* e *fanfic*. Para tal foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, cujo instrumento de geração de dados foi a entrevista semiestruturada realizada com um acadêmico do curso superior de Letras a respeito de práticas de *scanlation* e *fanfic*. Os dados foram analisados à luz dos Estudos dos Letramentos, articulados às tecnologias de informação e comunicação. Os dados sugerem que, os *scanlations* e as *fanfics* são novas formas de agir e interagir em meio a práticas vernaculares de leitura e escrita em suporte digital, demonstrando que o sujeito consome, produz e (re)produz. Essas práticas de letramentos vernaculares são vinculadas à literatura, na concepção do sujeito de pesquisa. Apesar de representarem práticas vernaculares, são concretizadas com cuidados no que toca a tradução dos textos, dentre outras normas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Tradução. *Scanlation*. *Fanfic*.

Abstract

The aim of this article is to present reflections on language and translation in contexts of scanlation and fanfic. For that, a qualitative research of ethnographic character was carried out, whose instrument of data generation was the semistructured interview conducted with an academic of the superior course of Letters regarding the practices of scanlation and fanfic. The data were analyzed in light of the New Literacy Studies articulated to the technologies of information and communication. The data suggest that the scanlations and fanfics are new ways of acting and interacting amid vernacular digital reading and writing practices, demonstrating that the subject consumes, produces and (re)produces. These practices of vernacular literatures are linked to literature in the conception of the research subject. Although they represent vernacular practices, they are concretized with care regarding the norms pertaining to the translation of texts, among other rules.

KEYWORDS: Language. Translation. *Scanlation*. *Fanfic*.

Introdução

Hoje em dia vemos novos gêneros, novas formas de ler, de se comunicar e de produzir linguagens, através da revolução tecnológica, por meio de vários suportes, e dos novos meios de interagir em que se pode constituir o produ usuário (KOMESU; GALLI, 2016) nessas redes de comunicação. Nesse viés de interações por meio da (r)evolução tecnológica, Bakhtin (1992, p. 123) definiria a linguagem “como um fenômeno social da interação verbal, realizada pela *enunciação ou enunciações*” (grifo do autor). Nesse sentido, entendemos que a linguagem e o sujeito irão se formar na correlação construída dentro dos hábitos, costumes, e a relação temporal com o momento histórico no qual este se insere. Canagarajah (2013, p. 7) ainda ressalta que a linguagem se constituirá em conjuntos e “recursos móveis, fluidos e híbridos que são apropriados pelas pessoas para seus propósitos”¹ e tais recursos poderão ganhar novos sentidos e configurações quando situados dentro dos contextos específicos e inseridos em uma prática sociocultural (CANAGARAJAH, 2013).

Cassany (2010) esclarece que as práticas de letramentos vernaculares são aquelas em que as pessoas concretizam espontaneamente, desvinculado de demandas escolares. Conforme Zappone e Yamakawa (2013), frequentemente, no seio educacional, os letramentos dominantes e vernaculares entram em choque, pois, os letramentos dominantes refutam os letramentos vernaculares, por não se tratarem de práticas legitimamente formalizadas.

Para Cassany (2010), as práticas vernaculares costumam ser feitas com improviso, abrangendo gêneros discursivos que as pessoas manuseiam no seu dia a dia, podendo ser realizadas em suportes digitais ou físicos com o intuito de interagir no meio em que vivenciam.

¹ “[...] ‘mobile resources’ that are appropriated by people for their purposes; these resources index meaning and gain form in situated contexts for specific interlocutors in their social practice” (CANAGARAJAH, 2013, p.7).

Logo, o *Scanlation*, termo ainda pouco conhecido por muitos leitores, é utilizado para definir a junção dos termos *scan* e *translation*, que significam, respectivamente escanear e traduzir. Nesse sentido, a expressão define as “suas principais características: a digitalização e a tradução de um material impresso estrangeiro, geralmente, quadrinhos” (CARLOS, 2011, p. 90). Em vista desses gêneros discursivos multissemióticos que surgem, a *fanfic*, por sua vez, se referem à ficção-mania. Dizem respeito à recriação do universo de uma obra com fins de deleite pessoal, isto é, uma pessoa, ou um grupo de pessoas, se dedica à reescrita de uma obra geralmente de acesso popular, ou à escrita de novas aventuras que partem de tais obras, preservando assim, parte dos elementos originais. Frequentemente são livros ou filmes populares que dão origem às *fanfic*, tais como: *Crepúsculo*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter* (CASSANY, 2010). Existem grupos de *fanfic* que criam novos finais, ou desfechos alternativos para os enredos, por exemplo.

Muitas vezes percebe-se a mescla de diversificados gêneros discursivos (ficção científica, literatura fantástica, sagas da juventude) com diferentes suportes de texto ou meios de comunicação (livro, televisão, cinema, história em quadrinhos, jogos de vídeo) nas *fanfic* (CASSANY, 2010).

Ao examinar algumas *fanfic*, pode-se notar que os produtores de *fanfic* tomam uma série de cuidados quanto a censura (idade dos leitores) de suas produções (CASSANY, 2010). Essa situação é um tanto quanto intrigante, já que as *fanfic* geralmente não estão associadas às tarefas escolares, ou atividades de cunho profissional. Na maioria das vezes, são produções feitas nos momentos de lazer, mas, que ainda assim, são elaboradas com zelo, sendo observadas uma série de normativas.

Uma justificativa para o surgimento e popularização das *fanfics* e *scanlations*, seria a possibilidade de tornar acessível o que conteúdo de materiais de colecionadores e fãs, e ao mesmo tempo de contribuir na popularização,

daquilo que o mercado de alguma forma tem falhado em popularizar (CARLOS, 2011).

Carlos (2011, p. 90 - 91) ainda destaca que

A demanda por *scanlation* se dá pelas seguintes razões: ler títulos que não foram publicados no país; continuar leitura no caso de cancelamentos ou atrasos das editoras; por ser gratuito (estão disponíveis sem a necessidade de se gastar um centavo); verificar se um título é bom ou não (se vale a pena comprá-lo); ganância ou ansiedade, ou seja, o leitor não quer/consegue esperar o próximo volume ser lançado pela editora e procura na internet os capítulos (a maioria dos títulos saem mensalmente). No Brasil, isso pode ser impulsionado mais ainda devido à forma de distribuição dos mangás, (...).

É sabido que nem todos os professores recomendam que os estudantes leiam mangás, histórias em quadrinhos, ou *fanfic*. Algumas escolas ainda objetivam o incentivo da leitura dos textos representantes dos letramentos dominantes, tais como as obras literárias canônicas. Então, em muitos desses espaços institucionalizados, os mangás ficam restritos às casas (ou outros ambientes da vida pessoal, privada) das pessoas que os manuseiam, enquanto que as obras literárias encontram lugar de reverência nas salas escolares, e são impulsionadas a encontrar lugar também nas moradias dos estudantes - por meio das lições de casa que partem de obras literárias.

Conquanto, é pertinente reforçar que as pessoas que leem ou se envolvem na elaboração e disseminação de *fanfic*, geralmente o fazem por interesse pessoal, genuíno, e sem imposição do sistema escolar. Muitas delas nada recebem para fazer as traduções. Trata-se de uma atividade sem remuneração. Apesar disso, existem muitas pessoas que se dedicam a essas atividades, atuando com a excelência que podem oferecer. Por exemplo, como aponta Cassany (2010), existem pessoas que seguem regras, que têm cuidados

com plágios, zelam pela ortografia, gramática, e para a elaboração de resumos de qualidade.

Em contrapartida, algumas pesquisas como a de Cassany e Hernández (2012) parecem sinalizar uma divisão entre as tarefas escolares, e as do cotidiano. Inclusive, esses autores diferenciam as formas de interação dependendo desses contextos.

As atividades feitas para fins educacionais, seriam desligadas das práticas sociais do sujeito, sem significado para ele, muito presas às normas, aos padrões. Repletas de aplicação mecanizada, de teor predominantemente teórico e acadêmico. Já as atividades feitas livremente, vernaculares, seriam significativas ao sujeito, ligadas à identidade dele, concretizadas com conhecimentos práticos e cotidianos (CASSANY; HERNÁNDEZ, 2012).

Porém, será que os tradutores de *fanfic* não fazem uso dos conhecimentos que construíram na escola, não se reportam às normas que aprenderam na escola para trabalharem em suas atividades vernaculares com *fanfic*? Não haveria junções entre as áreas? Será que na escola, não podem acionar/retomar o que aprenderam em suas interações na rede? Fazer conexões? É preciso tomar cuidado com dicotomias, pois, conforme veremos nos excertos de entrevista, há hibridismos entre a vida real, o lazer, e a vida escolar.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre linguagem e tradução em contextos de *scanlation* e *fanfic*.

Fundamentação Teórica

JORNADAS METODOLÓGICAS

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2009; GASKELL, 2002; GIL, 2011), de cunho etnográfico (BOGDAN; BIKLEN, 1994; FRITZEN, 2012), cujo instrumento de geração de dados foi a entrevista

semiestruturada, realizada com um acadêmico de Letras de universidade localizada no Vale do Itajaí/SC, cujo interesse na aprendizagem de diferentes idiomas era conhecido por seus colegas de aula e professores.

Assim que alguns de seus colegas e professores tomaram conhecimento de nossas investigações teóricas acerca de *fanfic* e de *scanlation*, recomendaram que conversássemos com esse acadêmico a respeito da possibilidade de se tornar sujeito da presente pesquisa.

Dante tem 21 anos, e prontamente aceitou participar da pesquisa. A entrevista com ele levou mais de duas horas de duração e ocorreu em junho de 2017, numa praça de alimentação nas proximidades da universidade em que ele estudava. Na entrevista, ficou perceptível que o mesmo desenvolve práticas vernaculares com literatura na internet, tem interesse em observar a tradução de *fanfic* e *scanlation*, além de sua afeição por mangás e animes. O nome "Dante" foi escolhido por ele, para representá-lo nesta pesquisa.

LINGUAGEM(NS) E TRADUÇÃO EM CONTEXTOS DE SCANLATION E FANFIC

A entrevista com Dante revelou sua luta em defender que *fanfic*, jogos ou outros gêneros que não são bem aceitos nas escolas também mereceriam ser considerados literatura. Em vários momentos, o discurso do entrevistado expressou que suas práticas de letramentos que não são feitas com obras literárias canônicas parecem não ser aprovadas por professores, praticamente como se fossem consideradas perda de tempo por alguns docentes. Por outro lado, ele destaca o quanto tais práticas o instigaram a aprender novos idiomas, a refletir sobre a vida, e fizeram diferença em suas experiências escolares, universitárias e até mesmo como professor iniciante. Trata-se de uma entrevista semiestruturada, cujos alguns excertos são apresentados e analisados na sequência.

Mas as aulas de português no ensino médio do estágio e a gente tava dando aula, ah, sobre o que é literatura e se literatura é só os livros ou tudo o mais, então a gente deixou bem amplo esse lance de literatura: Literatura não é só livros. Às vezes é mais, tipo, você tá vendo um filme, ele pode ser literatura pois antes ele também foi um script. Literatura também pode ser um mangá e jogo e tal, porque tem toda a história e toda a confabulação por trás disso tudo. Então você pode tirar muito de um jogo, tanto quanto você pode tirar de um livro [Entrevista - 06/2017].

Há muitas polêmicas em torno do conceito de literatura, bem como, do que pode ser classificado como literário ou não. Nas palavras de Lajolo (1986, p. 15): “Depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura”. Essa dificuldade de conceituação e de critérios classificatórios pode estar atrelada ao teor artístico da literatura. Literatura é arte (NEITZEL; BRIDON; WEISS, 2016). Silva (2012) explica que a complexidade é inerente à arte, tanto que, uma definição que lhe caberia é a de ser indefinível.

O fã pode até entrar em contato com o autor, o autor pode ter contato direto com o fã. Então, às vezes o *fanfic* pode entrar no canônico. E às vezes sabe o que acontece? Alguns fãs, algumas coisas que acontecem hoje em dia são influenciados por causa dos fãs [Entrevista - 06/2017].

Sendo assim, o enfoque deste artigo não é defender que *fanfic* são textos literários considerados canônicos, tampouco contestar tal afirmação. Entretanto, é do nosso interesse perscrutar o sentido que Dante tem construído sobre suas práticas de letramentos vernaculares, as quais ele julga literárias. Para Dante, ainda que a *fanfic* não possa ser configurada como um texto literário legítimo na esfera universitária, os autores de obras literárias legitimadas podem acessar as opiniões, ponderações de seus leitores (fãs) por intermédio das tecnologias da informação e comunicação. Assim, o autor pode dar novos andamentos à(s) sua(s) obra(s), influenciado pela exposição de ideias de seus leitores.

Os papéis já não são mais tão definidos entre aqueles que escrevem (os autores, produtores) e aqueles que leem (ou que consomem). É o que Komesu e Galli (2016) difundem com o termo "produsuários" - que remete ao hibridismo entre produtor e consumidor de textos, nos meios digitais. Nesses meios, os processos de leitura, reflexão, produção de sentidos sobre os textos, e a escrita deles (ou acerca deles) se dá de maneira cooperativa, rompendo com o modelo que conhecíamos até pouco tempo "[...] de cadeia produtiva industrial tradicional, fundado numa distinção dos papéis de produtor, distribuidor e consumidor" (KOMESU; GALLI, 2016, p. 173). Ou seja, mesmo que as *fanfic* não sejam qualificadas como obras legitimamente literárias, minimamente elas têm tido o poder de interferir em produções textuais que têm sido assim consideradas.

Eu quase entrei pra um grupo de *scanlation* que é *scannear* os mangás e traduzir, já me perguntaram várias vezes por que não entrei no grupo e não fiz as *scanlations*.. [Entrevista - 06/2017].

Nesse excerto, pode-se observar que o sujeito de pesquisa começa demonstrando sua motivação para entrar no grupo de *scanlation*, fato que nunca chegou a efetivamente acontecer.

Depois me toquei eu não taria realmente traduzindo a história. Eu estaria apenas traduzindo uma tradução né? Então o que eu queria mesmo era traduzir direto do japonês. [Entrevista - 06/2017]

Pode-se notar que ele ainda não ingressou no grupo por ponderar que ainda não estaria suficientemente preparado para realizar as traduções a contento. Assim, pode-se depreender que ele percebe que a linguagem e a língua são indissociáveis, uma vez que compreendemos que a linguagem inexistente em si própria (HAMERS; BLANC, 2000).

Isso mostra que apesar de ser uma atividade cotidiana, vernacular, não pode ser feita de qualquer jeito. Sem o zelo que as atividades escolares requerem. Por isso, Dante frisou sua intenção ao adentrar o curso de japonês era se familiarizar com esse ambiente do qual se sentia estimulado a conhecer mais. Diante do exposto, sua participação no *scanlation* seria uma consequência, com o intuito de disponibilidade de “fã para fã” (CARLOS, 2011) de produções que muitas vezes não eram popularizadas. Porém, ao se ver numa oportunidade de traduzir a tradução, Dante percebe que as limitações da tradução o impediriam de propriamente transmitir as ideias, uma vez que a tradução da tradução, muitas vezes limitaria a ideia que fora transmitida.

Bakhtin (1992, p. 108) ressalta que “a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal”.

Então foi mais uma coisa que me incentivou a ir atrás do japonês. Até pra que eu quem sabe começar o meu próprio grupo de *scanlation*, ou entrar num grupo de *scanlation*, pra começar a ler os mangás em japonês scannear e fazer a tradução logo de cara, assim. [ENTREVISTA - 06/2017]

A fala de Dante evidencia que sua busca pela aprendizagem do idioma japonês foi motivada por suas práticas de letramentos vernaculares. Cassany (2010) menciona que práticas de letramentos que os jovens realizam foram do ambiente ou das solicitações escolares, instigam-nos a ler e escrever por intermédio da *internet*, de maneira interativa. Mediados pelas tecnologias de informação e comunicação, muitos jovens estabelecem grupos de leitores e escritores de *fanfic*. Assim, parte considerável dos jovens se dedica à leitura e escrita a fim de fortificar sua identidade, e os vínculos com os demais integrantes dos grupos de *fanfic*.

Eu sempre gostei de ler. Eu sempre comecei com livros. Minha mãe é escritora de livros infantis, então cresci rodeado de livros infantis. Daqui a pouco literatura infanto juvenil. De literatura infanto juvenil eu fui pros mangás [Entrevista - 06/2017].

Cosson (2016) aborda que apesar de muitas pessoas conceberem a literatura infantil como uma prévia da leitura em si, as práticas de letramento com obras infantis já podem ser válidas como verdadeiras experiências literárias, já que, as obras destinadas ao público infantil foram se tornando mais complexas. Há obras de literatura infantil que possuem primorosas qualidades estéticas, e convidam a criança à reflexão, a ter experiências imaginativas e fantasiosas.

Nesse mesmo sentido, Gee (2004) nos lembra que a leitura vai se constituindo como um processo cultural dentro do seio familiar, como nos grupos sociais nos quais as crianças estão inseridas. Quando Dante nos traz a importância da leitura, ele associa com sua infância e a influência de sua mãe nos primeiros contatos com o mundo da literatura.

Aí eu comecei a ler tanto mangá mas tanto mangá e eu comecei a ler em português e daqui a pouco comecei a ler em inglês. Daqui há pouco eu voltava a ler em português, daí eu via: Cara tu traduziu essa frase completamente errado! Porque eu vi que ele pegou do inglês e eu vi que ele traduziu errado. Tipo, meu, o cara não quis dizer isso, ele quis dizer isso e isso! [Entrevista - 06/2017].

Como anteriormente apontamos, não conseguimos dissociar língua de linguagem, assim como Dante aponta, ao destacar que muitas vezes a tradução se “perde” por não conseguir transmitir ao leitor o mesmo sentido, em línguas diferentes. Humble (2005, p.234) aponta que “A tradução de ‘palavras’ enquanto entidades mínimas carregadoras de significado é um problema que tem a ver com o problema – filosófico – implicado pelo recorte que fazem as diferentes línguas humanas do mundo e da experiência”. Nesse sentido, o autor aponta a

dificuldade de em diferentes experiências e contextos, a tradução possuir o mesmo recorte e interpretação.

Daí isso ficava na minha cabeça. Meu, se eu tivesse num grupo de *scanlation*, eu podia fazer muito melhor que esses caras. Eu lembro também que um videogame também, meu Deus do céu. Às vezes eu usava os jogos tipo traduzidos e tal. Foi o caso de mortal kombat que saiu recentemente que muitas frases que os personagens falavam não tinham sentido. E daí todo mundo pegava e fazia piada dessas frases e tal [Entrevista - 06/2017].

Freitas, Souza e Kramer (2003, p. 7-8) destacam que “o saber teórico, instituído academicamente, precisa interagir com as concepções construídas no cotidiano das relações sociais,” dando a oportunidade de o sujeito criar e interagir com as diferentes visões de mundo que podem ser expressas através da linguagem e dos discursos. Dante, destaca essas diferentes trocas e interações, quando aponta as interpretações, na sua visão, feitas de maneira errônea, que não conseguem exprimir o mesmo sentido que no texto original. Para o nosso sujeito de pesquisa, as concepções construídas no jogo supracitado, não interagem com as construções das relações dos *gamers*, fato que ele mesmo aborda posteriormente, e que pode estar associado com tradutores que muitas vezes não fazem parte desse “mundo” de jogos *online*.

Bakhtin (1992, p. 98) sustenta que para o “falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística”. Nesse sentido, ao fazer parte do mundo *gamer* ou do mundo dos animes japoneses, os sujeitos compreendem as enunciações dos locutores de forma diferente daqueles que não participam das comunidades de *fanfics* e *scanlations*. Dante, como *insider* (GEE, 2001) produz sentidos e significações diferentes de tradutores formais, como ele se refere, que

muitas vezes são apenas contratados para realizar as traduções sem necessariamente estarem inseridos nesse universo.

Tipo tem uma frase que significa "eu tenho isso", se você traduzir no literal, mas também pode significar "eu dou conta disso". Daí eu pensei: Meu! O cara me traduziu assim, velho! Ou tipo, uma pessoa tá falando com o um grupo e fala "você" vai pagar essas consequências. Mas, ele tá falando com um grupo, então porque usa "você"? Ele não tá falando com uma só pessoa! Daí você lembra que you pode ser vocês também.... Então o cara não soube interpretar [Entrevista - 06/2017].

De acordo com Faraco (2009, p. 81) “como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes”. Dante, expressa isso ao trazer sobre a tradução as diferentes vozes que o permeiam: o jogador, o fã, e ao mesmo tempo a sua experiência como docente em formação e aluno do idioma japonês.

Por ser uma tradução, as expressões utilizadas exigem do tradutor ou do usuário interpretações que vão além dos conhecimentos da língua. Mudanças de estruturas, aspectos culturais, de expressões coloquiais e que são oriundas das regiões e ou países de onde se originam. Assim, faz-se necessário destacar a relação que a linguagem e, por consequência, a língua possui relacionada a hábitos, costumes, valores e que acabam por ser perpetuados em livros e demais produções. Quando Dante destaca que as interpretações ocorreram de forma errônea, o sujeito demonstra o esforço para compreender e engajar-se em práticas de leitura e tradução, que como sinaliza Bartlett (2007), requer um demasiado trabalho inter e intrapessoal.

Mas é também, porque quando eu comecei a fazer eu me divertia muito! Eu lembro que eu quase entrei pra um grupo de tradução de videogame, é amador, quando eu tava jogando um jogo com o meu irmão [Entrevista - 06/2017].

Dante, atribui sentidos às práticas de língua inglesa associados à tradução, numa concepção consoante à de Lajolo (1986), em que a autora afirma que as diferentes práticas de literatura são capazes de tocar profundamente as pessoas.

Zgusta (1971) aponta a dificuldade da tradução inerente a não equivalência das línguas, defendendo uma tradução não literal, mas relacionada ao sentido que o discurso propõe ao leitor.

As falas de Dante revelam que suas práticas com leitura, escrita, interações na rede e tradução são feitas a fim de fortalecer sua identidade, difundir seus gostos e interesses, e para estabelecer laços com pessoas que compartilhem os mesmos interesses, como sinaliza Cassany (2010). É possível verificar que a constituição dele enquanto leitor/tradutor/autor foi sendo forjada no contexto familiar, avançando para a rede, nas relações que passou a estabelecer com pessoas de diferentes locais do mundo.

E o meu irmão na época o inglês dele não era tão bom. Então eu sentava do lado dele e traduzia frase por frase pra ele. Então eles falavam e eu traduzia, eles falavam e eu traduzia. E eu não só gostava de fazer isso porque eu me divertia, porque tava traduzindo pra ele. E porque eu tava jogando o jogo de novo praticamente. Porque toda a vez que ele jogava eu já tinha jogado antes. Então praticamente toda vez que ele jogava, eu já tinha jogado alguma vez, então traduzindo pra ele eu me divertia de novo [Entrevista - 06/2017].

Quando Dante rememora suas vivências antecedentes com os jogos, que são seguidas por novas experiências na presença do irmão, parece coadunar com o pensamento de Sá Júnior (2014, p. 134): “[...] conhecimento que decorre da familiaridade com os esquemas de organização das experiências, a partir dos quais se pode preconizar uma coexistência social”. Ou seja, experiências anteriores acrescidas do conhecimento do texto já lido, assim como do jogo já jogado podem facilitar essa coexistência social, podem contribuir para reforçar o

aprendizado e ressignificar a construção de sentidos relacionados ao texto ou jogo.

Tipo eu me divirto muito com isso, e ao mesmo tempo tenho meio que um senso de dever: quero fazer isso pelo bem das pessoas que não entendem o inglês. Ou não entendem o japonês até [Entrevista - 06/2017].

Dionísio, Oliveira, Martins e Cunha (2007, p. 56) destacam que “[...] os sentidos do que se lê, do que se escreve estão intimamente ligados às experiências de cada um no mundo material e social [...]”. E Dante, aponta não só o lado pessoal de realização com a prática da tradução para *scanlation*, mas também o contexto social de contribuir para aqueles que não compreendem o texto original em língua japonesa, e que em sua visão são de alguma forma prejudicados por traduções que falham ao trazer e divulgar os textos originais de mangás e jogos *online*.

De vez em quando, eu até, meu nível de fãzaco de japonês já chegou num nível que eu, só de ver animê e ir atrás de conteúdo sozinho, que às vezes eu to vendo um animê em inglês e eu ouço alguma coisa em japonês aí eu vejo, o cara traduziu isso errado. Daí eu penso: ok, o meu próximo passo é traduzir do japonês pro inglês, ou do japonês direto pro português [Entrevista - 06/2017].

Assim, Dante manifesta um compromisso, uma sensação de responsabilidade, de oferecer um material de qualidade aos grupos de amigos, ou à comunidade de práticas de letramentos com *fanfic*, animes, etc. Dante dá mostras da reflexão que ele tece sobre a função social que ele sente necessidade de desempenhar nos grupos de *fanfic*, conforme menciona Cassany (2010).

Então se eu puder fazer o que eu gosto ainda ganhando dinheiro com isso, meu, por que não né? Então eu faria parte de um grupo de *scanlation* hoje em dia, só pelo fato do divertimento. Mas eu também posso me profissionalizar nisso e fazer tradução direta de mangás e ser

contratado por uma editora que traz mangás direto do Japão pro Brasil, daí pronto, ao invés de fazer parte de um grupo de *scanlation*, eu faço parte de um grupo de tradução oficial assim. [Entrevista - 06/2017]

"Fazer o que eu gosto" parece caracterizar as práticas de letramentos vernaculares de Dante, todavia, o fato de serem práticas espontâneas, voluntárias, improvisadas, nem por isso podem ser feitas sem esmero. Para Dante, práticas vernaculares com *fanfic* constituem um assunto tão sério, que carecem dos cuidados prestados às práticas letradas, dominantes. Não se pode usar qualquer termo numa tradução. É preciso ter cuidado, escolher com atenção as palavras.

Ao investigarem comunidades digitais vinculadas ao *fansubbing* do espanhol para o chinês, Zhang e Cassany (2016) observaram uma série de cuidados que os integrantes dessas comunidades tomam em relação às normas, regras da escrita colaborativa. Há uma estrutura hierárquica nos bastidores das comunidades, que podem fazer uso de diversificados espaços virtuais, como, fórum, *chat*, redes sociais etc. Apesar de serem formadas, na grande maioria, por *fansubbers* voluntários e amadores, eles mesclam seu trabalho com entusiasmo e seriedade. Unem esforços para criar, reelaborar, reivindicar e disseminar sua identidade digital.

Conforme Zhang e Cassany (2016), as comunidades de *fansubbing* tendem a ser mais complexas, por adicionarem diversificadas formas de leitura e gravação. Para tanto, costumam contar com diferentes funções: líder, transcritores, revisores, temporizadores, tradutores, editores, tipógrafos, codificadores e executivo responsável. Há vários critérios de recrutamento e gestão de desempenho dos participantes, bem como, formas de recompensas a eles (geralmente sem valor monetário), e zelo ético, sobretudo para com empresas comerciais ou outras comunidades de *fansubbers*.

Dante ainda dá sinais de refletir sobre o tamanho da repercussão de sua atividade enquanto futuro tradutor. Está ciente de que tanto as práticas eletrônicas, digitais, quanto as analógicas no formato impresso atingem diferentes públicos, com distinções na forma de distribuição dos textos. As práticas eletrônicas parecem favorecer o encontro de interlocutores, por exemplo, como pontuado por Cassany (2010).

Além do mais, Dante vê que é possível fazer uma junção entre a atividade prazerosa, de lazer, à sua futura carreira profissional. Ele parece colocar em xeque, não apenas as dicotomias "literatura x não literatura", "vernacular x dominante", tanto quanto, "lazer x trabalho", "voluntário x remunerado".

Para Cassany (2010), nos grupos ou comunidades, os sujeitos que interagem ali constroem coletivamente suas identidades, publicam e compartilham seus escritos, fazem trocas e aprendem uns com os outros. Será que diante de tantas possibilidades de aprendizagem cooperativa, os professores das classes escolares devem manter a postura de se mostrarem contrários a tais formas de interação nas redes?

Considerações Finais

O *scanlations* e as *fanfics* são novas formas de agir e interagir em meio a práticas vernaculares de leitura e escrita em suporte digital, demonstrando que o sujeito ao mesmo tempo em que consome, produz e (re)produz a partir dos conceitos e temas explorados em outros suportes midiáticos ressignificando a obra original. Esta pode se dar em vista de várias obras demorarem a ser traduzidas de modo oficial por editoras, ou ainda, pelo interesse de leitores em obras de seu interesse, gosto pessoal como vimos no discurso de Dante.

Em decorrência disso, pela análise dos discursos produzidos pelo sujeito de pesquisa, podemos compreender que o *scanlation* e as *fanfics* são vistos pelo sujeito “como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas” (FARACO, 2009, p. 64). A linguagem nesse sentido, não consegue permanecer-se inalterada diante das traduções e interpretações das atividades de *scanlation* e ou nas criações de *fanfic*.

Os dados gerados sinalizam, ainda, que nos grupos de *fanfic* estão em jogo aspectos de ordem cultural, nacional e internacional, aprendizagem, entretenimento, comunicação, arte, sentimentos, entusiasmo, ficção, reflexões e críticas à realidade. Inclusive, nesses grupos, emergem próprias leituras advindas desse coletivo de pessoas com um tema em comum e outras leituras que exercem função nas formas de traduzir, seja por meio do léxico utilizado (quando mais *insider* naquele contexto, mais gírias e expressões o tradutor referenciará do universo original da obra e do coletivo de obras, bem como das expressões de línguas estrangeiras não comumente utilizadas na língua de adaptação).

Podemos destacar a organização eficiente, o processo produtivo, e o modo qualitativo, além do cuidado para que a obra ao ser traduzida e organizada contenha o máximo de elementos para que o leitor iniciante ao fazer uso dessa obra consiga compreendê-la tão bem quando outro leitor que conheça esse universo com propriedade. Haja vista que esse trabalho híbrido entre *scanlations* e *fanfics* demanda estudo, tanto do tema da obra quanto de recursos linguísticos para que a adaptação seja compreensível e coerente, uma análise linguística reflexiva por parte de quem a faz. Consideramos importante que professores de línguas viessem a conhecer um pouco mais sobre essas novas formas de produção, recepção e trabalho linguístico para redirecionar os planejamentos nas

escolas a fim de se desenvolver o trabalho em diferentes suportes e com os novos gêneros discursivos.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARTLETT, L. To seem and to feel: situated identities and literacy practices. **Teachers College Record**, Columbia University, v. 109, n. 1, p. 51-69, January, 2007.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice**. New York: Routledge, 2013.

CARDOZO, M. M. Mãos de segunda mão? Tradução (in)direta e a relação em questão. **Trab. linguist. apl.**, Dez 2011, vol.50, no.2, p.429-442. ISSN 0103-1813.

CARLOS, G. S. O(s) fã(s) da cultura pop japonesa e a prática de scanlation no Brasil. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

CASSANY, D. "Leer y escribir literatura al margen de la ley", **I Congreso Iberoamericano de Lengua y Literatura Infantil y Juvenil [CILELIJ]** Fundación SM, Museo de Bellas Artes, Santiago de Chile, 24/28-2-10. A: CILELIJ. **Actas y Memoria del Congreso**. Madrid: Fundación SM / Ministerio de Cultura de España. p. 497-514. ISBN: 8435240516578. DL: M-42390-2010.

CASSANY, D.; HERNÁNDEZ, D. Internet: 1; Escuela: 0? CPU-e, **Revista de Investigación Educativa**, 14, enero-junio 2012.

COSSON, R. Literatura infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 47-66, ago. 2016.

DIONÍSIO, M. L.; OLIVEIRA, M.; MARTINS, L., CUNHA, L. (Com)viver com as letras ou do que foram e como foram as oficinas das novas experiências com a literacia no Vale do Minho. In: GONÇALVES, A; VIANA, F. L; DIONÍSIO, M.

L. (Org.). **Dar vida às letras: promoção do livro e da leitura – prêmio europeu de inovação na leitura.** Vale do Minho: Comunidade Intermunicipal, 2007. p. 45-58.

FARACO, C. **Linguagem e Diálogo.** As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, M. T. A.; JOBIM e SOUZA, S; KRAMER, S. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2003.

FRITZEN, M. P. **O olhar da etnografia no fazer pesquisa qualitativa:** algumas reflexões teórico-metodológicas. In: FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inêz Probst (Org.). **O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem.** Blumenau: Edifurb, 2012. p. 55–72.

GEE, J. P. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. **Journal of Adolescent & Adult literacy**, Newark, v. 8, n. 44, p. 714-725, 2001.

GEE, P. J. **Situated language and learning: a critique of traditional schooling.** Londres: Routledge, 2004.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64–89.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HAMERS, J.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and bilingualism.** 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HUMBLE, P. Os estudos da tradução e os dicionários. **Trab. linguist. apl.** [online]. 2005, vol.44, n.2, pp.233-246.

KOMESU, F. C.; GALLI, F. C. S. Práticas de leitura e escrita em contexto **digital:** autoria e(m) novos mídiuns. **Revista da ABRALIN**, v. 15, 2, p. 165-185, 2016.

LAJOLO, M. **O que é literatura.** São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.

MENEGOTTO, F. N.; GARCIA, R. A. N. "The garden party" e suas diferentes leituras: algumas considerações sobre a tradução literária. **Cad. Trad.**, Ago 2018, vol.38, no.2, p.143-162. ISSN 2175-7968.

NEITZEL, A. de A; BRIDON, J.; WEISS, C. S. Mediações em leitura: encontros na sala de aula. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** Brasília, v. 97, n. 246, p. 305-322, ago. 2016.

PRADO, T. M. **As concepções do conselheiro real Polônio em quatro adaptações de Hamlet para os quadrinhos.** Galáxia (São Paulo), Dez 2017, no.36, p.186-203. ISSN 1982-2553

BIGNARDI, I.; Christmann, Fernanda Cesco, Andréa; Abes, Gilles Jean; Bergmann, Juliana Cristina Faggion (Orgs.). **Tradução Literária: Veredas e desafios.** São Paulo: Rafael Copetti, 2016, 137 p.. *Cad. Trad.*, Dez 2016, vol.36, no.3, p.330-335. ISSN 2175-7968

SÁ JÚNIOR, L. A. de. O ato de ler: possibilidades e perspectivas para ensino de literatura no Ensino Médio. In: SÁ JÚNIOR, Lucrecio Araújo de; OLIVEIRA, Andrey Pereira de. (Org.). **Literatura e ensino: reflexões e propostas.** Natal: EDUFRN, 2014. p. 129-138.

Silva, M. M. **Uma estranha na sala de aula: interculturalidade, letramento literário e ensino.** *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, 2019, no.57. ISSN 2316-4018

SILVA, M. O equilíbrio vital da arte: a literatura e seus sentidos. **Revista Alpha**, Centro Universitário de Patos de Minas, n.13, p. 172-176, 2012.

ZAPPONE, M. H. Y; YAMAKAWA, I. A. Letramento dominante x vernacular e suas implicações para o ensino da literatura. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.185-198, 2013.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography.** Mouton, The Hague, Paris, 1971.

ZHANG, T. L; CASSANY, D. "Fansubbing del español al chino: organización, roles y normas en la escritura colaborativa". *BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, núm. 37, 2016.